INTIMIDADE: BUSCA E INQUIETAÇÃO

Dionei Mathias[1]

RESUMO: Este artigo pretende analisar a narração de intimidade no romance *O Buda do Subúrbio*, escrito em 1990 pelo escritor britânico, Hanif Kureishi. Entendida como parte essencial da construção de identidade, a intimidade surge na realidade intradiegética como rede de signos por meio dos quais se estabelecem espaços de exclusividade. Estes se revelam como importantes coordenadas para a autopercepção das personagens e para a produção de sentido.
PALAVRAS-CHAVE: Hanif Kureishi, *O Buda do Subúrbio*, intimidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the intimacy narration in the novel *The Buddha of Suburbia,* written in 1990 by the British writer Hanif Kureishi. Unterstood as an essencial part of the identidy construction, intimacy appears in the intradiegetic reality as net of signs through which exclusivity spaces are established. These turn out to be important coordinates for the self-perception of the characters as well as for the production of meaning.
KEYWORDS: Hanif Kureishi, *The Buddha of Suburbia*, intimacy.

[1] Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Federal de Santa Maria.

Numa entrevista recente ao jornal britânico *The Telegraph* (13/12/2012), Hanif Kureishi afirma: "Sexo se tornou algo barato agora.... Atos sexuais são transformados em literatura popular como em *Cinquenta Tons de Cinza.* Você pode encontrar sexo em qualquer tempo, qualquer lugar se você quiser – não é difícil, mas ter um relacionamento verdadeiro com alguém, que é profundo e significante e que muda a vida é muito mais perigoso que um ato de copulação". Com isso, Hanif Kureishi, aos 58 anos, aborda um dos temas centrais de sua obra, a saber, o grande desafio de construir uma identidade pessoal baseada na experiência da intimidade num espaço de confluência de duas narrações que imaginam um futuro comum. Talvez em nenhuma outra época, a realização sexual tenha sido mais propícia. Contudo, com a popularização do sexo, advêm novos desafios: construir uma história sólida com alguém e para isso renunciar às inúmeras opções à disposição do indivíduo; imaginar sua própria história a partir do horizonte parceiro e para isso abrir mão das pulsões egoístas promissoras de prazer e, por fim, estabelecer um espaço de encontro e exclusividade e para isso desvelar sem receios suas fraquezas, seus medos e os lados menos *Colgate* da vida.

Filho de pai imigrante, Hanif Kureishi, com sua aparência não propriamente anglo-saxônia, induziu muitos críticos a reduzirem sua obra à expressão de uma literatura minoritária, preocupada com a construção de identidade entre as culturas e as diversidades físicas (raças?). Esse tema, com efeito, apresenta uma relevância inegável especialmente em seus primeiros escritos. Porém, já nesses primeiros livros, que o consagram como uma das grandes vozes da literatura britânica contemporânea, ele indica também que o *in-between* – aquele sujeito que procura seu lugar entre as culturas sem realmente pertencer a nenhuma - se depara com um desafio maior que não reside em buscar seu lugar entre os signos culturais, mas, sobretudo, em construir um relacionamento que lhe proporcione a estabilidade anímica que, por seu turno, lhe possibilita romper a ditadura do silenciamento. *O Buda do Subúrbio* e as peripécias de seu protagonista exemplificam muito bem essa preocupação que Hanif Kureishi tem com a intimidade e que certamente representa uma das maiores inquietações da contemporaneidade.

Intimidade obviamente não se restringe a relacionamentos eróticos, ela se estabelece também no círculo familiar ou de amigos (STREISAND, 2001, p. 42). O

que a caracteriza é a inclusão do outro no horizonte da realidade pessoal ao compartilharem-se "informações, sentimentos, atividades e espaços" (SWAAN, 1989, p. 52). Para a instauração de intimidade, a exclusão é indispensável, uma vez que a construção de um espaço íntimo implica o estabelecimento de fronteiras caracterizadas pela distribuição de confiança aos diferentes participantes do espaço social. Com isso, surgem espaços semióticos específicos, com redes de significados cuja leitura está restrita a um grupo reduzido de pessoas.

Esses espaços de intimidade representam um fundamento essencial para a narração de identidade (KEUPP, 2002, p. 218). Esta não se limita aos elementos culturais, geralmente atrelados à ideia de nação, existentes na realidade de um indivíduo. A instauração e representação do si passam também pela reflexão sobre necessidades inscritas na construção do gênero e sua inserção em redes sociais. Isso vale especialmente no que diz respeito ao estabelecimento de um espaço íntimo, em que o sujeito se utiliza de signos cujos valores comunicativos estão restritos a um grupo bastante limitado de pessoas, geralmente a um único ser que tem uma importância especial no seu universo identitário, ou seja, instauram-se espaços ou narrações íntimas cujo fito reside, em grande parte, no estabelecimento de uma rede teleológica que garanta o sentido e a satisfação. Com isso, é possível afirmar que o espaço da intimidade implica sentido existencial.

No romance *O Buda do Subúrbio*, o protagonista Karim Amir, "considerado um tipo curioso de inglês, de nova casta, pode-se dizer, resultado de suas antigas histórias" (1990, p. 3; 1992, p. 7)[2], adentra sua juventude à procura de relacionamentos que lhe proporcionem prazer, mas também sentido. Em analogia às outras identidades parciais, a narração do espaço íntimo do protagonista está caracterizada pela indefinição. Essa abertura dos signos se revela conspicuamente em sua orientação sexual. Ao sentir-se atraído por ambos os sexos, Karim tem de aprender a ler dois sistemas de signos inscritos da gramática do corpo:

> Era pouco comum, eu sei, a maneira como eu dormia com garotos e também com meninas. Apreciava corpos fortes e nucas masculinas. Gostava de ser tocado por homens, de

[2] A primeira indicação se refere ao original em inglês, a segunda à tradução para o português. Quando houver apenas a indicação de página, esta se refere ao texto em língua inglesa.

> seus punhos que me puxavam; e gostava de objetos – cabos de escova, canetas, dedos – enfiados na minha bunda. Mas gostava de bocetas e peitos, da suavidade feminina, de pernas lisas e longas e da forma como as mulheres se vestiam. Acho que seria um suplício escolher um ou outro, seria como escolher entre os Beatles e os Rolling Stones. Jamais gostei muito de pensar no assunto, poderia ser considerado um pervertido e precisar de tratamento, hormônios ou choques elétricos no cérebro. Quando meditava a respeito, eu me considerava sortudo por poder ir a festas e sair com qualquer um, de ambos os sexos – não que eu fosse a muitas festas, não ia a nenhuma na verdade, mas se fosse, poderia, por assim dizer, jogar nos dois times (1990, p. 55; 1992, p. 63).

Caracteristicamente, Karim não se torna uma vítima dessa abertura de signos, o que poderia muito bem acontecer diante da complexidade de informações a serem processadas e encenadas no processo de comunicação social. Tampouco sofre com os desafios de sua sexualidade, muito pelo contrário, ele imerge nos dois mundos, descobrindo as peculiaridades de ambos os sexos (Charlie, Jamila, Terry, Eleanor, Pyke, Marlene) e experimenta diferentes formas de expressão como instrumento de subversão (HOLMES, 2002, p. 645) ou de libertação (CAREY, 1997, p. 125).

Nesse entre-mundo, diversas fronteiras socioculturais são desconstruídas e reforçadas com novos matizes de sentido, de modo que o espaço do si demarcado por esse movimento acaba obtendo contornos mais concretos e diferenciados. Nas coordenadas semióticas desse espaço, Karim tem de conquistar o reconhecimento do outro e afirmar sua unicidade. Nisso, a linguagem do amor e da intimidade revela seus anseios, a identidade que imagina e tenta negociar, mas também aquilo que seus parceiros lhe impõem.

O **primeiro** relacionamento a ter alguma importância na visão de mundo do protagonista e relatado em sua narração identitária como tal reside em seu envolvimento com seu amigo Charlie, um ano mais velho que ele (p. 9). Karim já o conhece de seus tempos de escola, um encontro íntimo, contudo, tem lugar somente mais tarde, durante uma festa no quarto de Charlie. O início da formação do espaço íntimo se dá simbolicamente com a retirada do relógio, indicando a interrupção da temporalidade, e com a luz de vela, instaurando coordenadas em

que a formação e a negociação de signos são menos rígidas e mais propícias à aceitação (p. 13). Karim, aparentemente, tem acesso a um espaço penetrado somente por pessoas escolhidas, o que equivale a um claro sinal de confiança. A travessia simbólica dos limites espaciais constituídos e a atmosfera especial nas coordenadas desse espaço representam signos que desfazem os muros de representação, abrindo, desse modo, estratos mais recônditos do si, especialmente por propiciar a confiança e desfazer as normas sociais exteriores. Com base nessa significação espacial, Karim assume que Charlie está disposto a permitir que adentre seu projeto de identidade no papel do "outro significante", ou seja, a transformar-se em parte indissolúvel de sua representação social. Nessa dinâmica, o reconhecimento do outro, incluindo as máculas indesejadas e a aceitação dessa alteridade, formam a base desse projeto.

Contudo, a primeira imagem engana, porquanto a característica fundamental desse relacionamento reside numa distribuição desigual de reconhecimento, de modo que surge uma discrepância muito grande no tocante à semiótica do espaço e à intimidade, de fato, existente. O interesse despendido por ambas as partes é conspicuamente desigual: enquanto Karim vai à festa justamente para encontrar Charlie (p. 10), este está muito mais interessado na aparência exótica de seu pai Haroon (p. 14). Karim não oferece qualquer resistência diante da beleza do ser admirado, Charlie, por seu turno, condescende e permite que o outro o admire. No processo de negociação de signos, Karim ratifica o projeto de Charlie, enquanto este não faz o mesmo. Esse desequilíbrio se revela igualmente nos signos eróticos: enquanto Karim se compromete buscando o outro, Charlie permanece imóvel, sem mostrar qualquer indício de dedicação (p. 17). Este não participa, aquele procura a proximidade de uma intimidade que ainda não existe. Seus pensamentos estão de tal forma focados no mundo do parceiro, que mesmo no momento de êxtase não se esvai num fluxo de esquecimento, mas pensa nas camisas que Charlie lhe recomendara comprar.

Muito embora Karim se dê conta de que seu parceiro não está realmente disposto a ocupar-se dele, ele não desiste. Para poder construir uma identidade em consonância com seus desejos íntimos, ele espera por signos de amor por parte de Charlie, o que, de fato, não acontece, arremessando o protagonista num limbo de

espera, no qual lhe é impossível concretizar seus projetos. No lugar de signos coesivos e integradores, ele encontra frieza e indiferença. Aos poucos, Karim percebe que seu amor serve de instrumento, manipulado por Charlie com o fito de saciar seus caprichos, porém pouco disposto a doar algo de si mesmo:

> Depois de passar tanto tempo comprovando sua eficácia, comecei a ver o charme de Charlie como um método para roubar casas, persuadindo os donos a convidá-lo para entrar e carregar seus bens. Não tinha dúvidas: era um roubo; ele cobiçava objetos dos outros. E os levava embora. Era falso e manipulador, e u o admirava imensamente. Tomava nota de suas técnicas, pois elas funcionavam, especialmente com as garotas.
> Ultimamente nada disso era inócuo. Não; Charlie era sedutor do tipo mais cruel e letal. Ele extorquia não apenas sexo, mas amor e lealdade, carinho e estímulo, antes de seguir em frente. Eu também teria exercitado de bom grado estas habilidades magistrais, mas me faltava um ingrediente essencial: a enorme força de vontade de Charlie e seu desejo arrebatador de possuir qualquer coisa que o atraísse (1990, p. 119; 1992, p. 131).

Karim imerge nesse relacionamento com um projeto de identidade, cujo teor não encontra o reconhecimento necessário por parte do outro significante. Com isso, ele tem duas possibilidades: ou ele abandona seu projeto de amor ou seu projeto atual de identidade. Ele acaba optando pelo segundo caminho, sem obter êxito. Somente muito mais tarde, quando se encontra em Nova York e se aproxima uma segunda vez de Charlie, ele também percebe que o projeto de identidade narcisista encenado por Charlie já não é compatível com seus anseios. Para satisfazer suas necessidades egocêntricas, Charlie não hesita em penetrar cada vez mais em coordenadas desconhecidas, renunciando a princípios de humanidade (p. 254). Karim, por seu turno, apercebe-se da falta de dignidade inscrita nos extremos, obtendo clareza sobre aquilo que definitivamente não deseja para si:

> As costas de Charlie estavam arqueadas, e ele parecia guinchar pela orelha. Mas deu a impressão de relaxar quando ela falou, e de submeter-se lentamente à dor, o que era, afinal, exatamente o que ele queria. Frankie o deixou então, na condição em que se encontrava, e afastou-se por alguns minutos, para permitir que ele se entendesse com o desejo e sofrimento voluntário. Quando voltou, eu examinava meus próprios pensamentos. E foi naquele momento, quando ela apagou a vela, a lubrificou e enterrou no rabo dele, que percebi que não amava mais Charlie. Não ligava mais para

> ele, ou para o que lhe pudesse acontecer. Não me interessava mais. Já o ultrapassara, descobrindo a mim mesmo através do que eu rejeitava. Para mim, ele aparecia apenas insensato (1990, p. 255; 1992, p. 273).

A impessoalidade dessa forma de intimidade, a coisificação do corpo por meio de um voyeurismo que desconstrói a dignidade do amor e a impossibilidade de uma aproximação que não se restringe às fronteiras do corpo indicam a Karim *ex-negativo* a identidade e, com ela, os signos de intimidade que definitivamente não deseja para si. Com essa experiência liminar, Karim obtém clareza acerca de sua posição no mundo e, sobretudo, no que concerne ao seu relacionamento com Charlie. O caminho da reflexão lhe indica que já não necessita do reconhecimento anteriormente tão ansiado. Desse modo, adquire também uma autonomia maior, inscrevendo flexibilidade e segurança em sua identidade.

O **segundo** relacionamento importante em sua narração e construção de intimidade é Jamila. Como Charlie, ela tampouco está interessada em construir um relacionamento sério e profundo, ou seja, tampouco deseja proximidade num sentido que transcende o corpo. Entretanto, seu relacionamento com Karim difere em muitos aspectos. Inspirada em leituras de obras escritas por autoras feministas, Jamila pretende libertar-se do ambiente opressivo e sufocante existente na casa de seus pais, em cujas coordenadas ininterruptamente é forçada a integrar signos em sua identidade que não condizem com sua imaginação de futuro. Para isso, ela divisa na sexualidade, como caminho da subversão, o acesso à liberdade desejada:

> Jamila era mais avançada do que eu em todos os sentidos.... Depois entrou numas de querer ser Simone de Beauvoir, foi quando ela e eu começamos a fazer sexo a cada duas semanas, mais ou menos, quando encontrávamos algum lugar para ir – geralmente um abrigo de ônibus, casa abandonada ou abrigo contra bombardeios. Aqueles livros deviam ser pura dinamite, pois chegamos a transar até em banheiros públicos. Jammie não tinha o menor medo de entrar correndo no toalete masculino e trancar a porta do reservado. Superparisiense, ela achava, e moderno. Tudo muito pretensioso, claro, e eu não aprendi nada sobre sexo, nem uma única pista sobre onde e como e aqui e ali, nem perdi meu medo da intimidade (1990, p. 52; 1992, p. 60).

Nessa empreitada, Karim se revela como um bom instrumento para sua emancipação; ele, por seu turno, também a utiliza como instrumento para adquirir experiência sexual, sem realmente estar interessado nela como companheira a ser inserida em sua narração de identidade. O outro não se imbrica nas coordenadas da identidade por ser o que é, mas por representar um meio para um determinado fim. Esse movimento de alienação do outro é igualmente legível na escolha dos espaços para instaurar o encontro íntimo: paradas de ônibus, abrigos contra bombardeios ou banheiros públicos. Com efeito, estes não instauram espaços íntimos, mas lugares em que podem utilizar-se rapidamente do corpo alheio, sem necessidade de atentar ao outro em sua complexidade anímica. Os signos que surgem com base nesses encontros não fomentam a narração de exclusividade, essencial para a construção de uma identidade em que outro está presente. Por serem espaços públicos, o que predomina é a ideia da abertura para a presença de outras pessoas, ou seja, a narração se revela impassível de redução do círculo de participantes das coordenadas. Além da falta de um lugar concreto e exclusivo, pesa o aspecto da sujeira que caracteriza as opções de encontro, desqualificando-as como base sólida de um projeto de identidade.

Tomada como base a definição de amor de Niklas Luhmann (1994, p. 33), que considera o amor uma forma potenciada de comunicação em que um número maior de barreiras comunicativas é transposto, constata-se que o relacionamento de Karim e Jamila ainda apresenta diversos momentos de bloqueios na transmissão de signos. Isso vale para sua comunicação erótica, mas também para outros elementos de sua convivência, em que fica clara a dificuldade que encontram para sintonizarem seus interesses e horizontes de expectativas. O desencontro causado pela insuficiência comunicativa implica desarmonia na construção de seu relacionamento e, ao mesmo tempo, em suas narrações de identidade, porquanto não lhes é possível construir um si que os satisfaça.

A despeito da comunicação insatisfatória, especialmente no que concerne ao diálogo erótico, dos espaços impessoais e das tentativas de manipulação do outro tendo em vista objetivos egoístas, surge uma aproximação entre Karim e Jamila que fomenta um comportamento de auxílio e de proteção um ao outro. A intimidade que não lograram alcançar por meio de seus encontros eróticos acaba instituindo-se de forma concentrada num momento de necessidade

e por meio de um gesto de impotência. Assim, quando Jamila se encontra desesperada perante a greve de fome iniciada por seu pai e começa a chorar diante de Karim, revelando toda sua vulnerabilidade e necessidade de uma mão amiga (p. 61), os dois não se aproximam somente corporalmente, mas também em seus horizontes de expectativas, criando com isso um espaço em que ensaiam a intuição das necessidades alheias. Karim se apercebe do fato de ter adentrado um novo âmbito de significados, porquanto o sinal de confiança por parte de Jamila instaura um espaço liminar acessível somente por eles:

> Ela começou a chorar sem constrangimento, sem cobrir o rosto nem segurar as lágrimas. Normalmente fico embaraçado quando as garotas choram. De vez em quando tenho vontade de brigar com elas por fazerem tanta onda. Mas Jamila estava mesmo na merda. Acho que ficamos meia hora pelo menos, apenas abraçados, pensando nos nossos respectivos futuros (1990, p. 61; 1992, p. 69).

Nesse momento, no além do prazer sexual passageiro, surge em Karim um sensação de responsabilidade ética. Jamila já não representa um meio intercambiável para saciar seus desejos eróticos, sendo, portanto, dispensável e alienável, mas se insere em sua narração de identidade como parte do si que Karim não pode simplesmente abandonar. A situação desesperançada, o medo dividido diante do futuro incerto e, sobretudo, a necessidade – ainda não verbalizada, mas indicada pelo comportamento – do outro como porto seguro perante as turbulências que abalam sua estabilidade anímica.

Essa sensação de reconhecimento mútuo e de pertencimento se mantém inclusive quando o aparecimento de terceiros ameaça a estabilidade da rede significativa instaurada naquele momento de dor. Reiteradamente, eles provam um ao outro que logram de forma sutil ler os movimentos faciais, os gestos, os signos implícitos ao comportamento do outro, indicando com isso também um conhecimento acerca da relevância dessas informações para seus respectivos projetos de identidade. Nesses movimentos de leitura, eles abandonam os estratos superficiais de representação para aproximarem-se cada vez mais de redes de significados mais íntimos e restritos a poucos parceiros (p. 108).

Paulatinamente, a proximidade é construída simbolicamente por meio da imersão no horizonte de valores e expectativas do outro (p. 176, p. 195).

Para o projeto de identidade de Karim, implicitamente também para Jamila, esse relacionamento representa um espaço de trégua, em que encontram proteção para a encenação de seus signos identitários, como também um armistício da negociação dos mesmos. No espaço íntimo criado por eles, podem ser aquilo que desejam ser, sem necessidade de submeterem-se à luta do reconhecimento por qual todo signo identitário impreterivelmente tem de passar. Com isso, Karim e Jamila obtêm um período de regeneração que lhes possibilita amealhar energias para voltarem ao combate de reconhecimento fora das coordenadas protetoras de seu relacionamento.

O **terceiro,** e talvez mais importante relacionamento para a construção de identidade de Karim, reside em seu amor por Eleanor. Ao contrário dos outros relacionamentos que se iniciam de forma abrupta ou acontecem por acaso, a história com Eleanor exige um processo de aproximação mais lento e complicado. Desencadeado por um sinal de carinho aparentemente sem grande relevância (p. 168) e transformado em ímpeto revigorante na experiência de Karim (p. 172), o sentimento despertado não desemboca automaticamente num encontro erótico, marcado pela superficialidade do momento, muito embora Karim o busque em sua fome insaciável por intimidade.

> Estava na cara que Eleanor fora para a cama com uma vasta e aleatória coleção de pessoas, mas quando sugeri que fosse para a cama comigo ela disse: "Acho que por enquanto é melhor não, tá?". Como homem, considerei aquilo um puta insulto. As carícias amigas eram constantes, mas quando as coisas ficavam muito quentes (a toda hora), ele me abraçava e chorava, deixando a grande carícia de fora (1990, p. 175; 1992, p. 189).

O rechaço suave primeiramente ataca sua autoconfiança, mas rapidamente ele interpreta esse comportamento como desafio para lutar por um amor mais intenso. O relacionamento com Eleanor se revela como um importante projeto de identidade justamente por exigir dele mais empenho, ao trilhar por um caminho que não leva diretamente ao bem cobiçado. Paulatinamente, Karim

deseja que ela se torne parte de sua vida e, com isso, parte da narração do si. Com esse fito em mente, ele está disposto a não medir esforços e arcar com as consequências de possíveis decepções, a despeito dos alertas de Eleanor (p. 179).

Muito embora uma aproximação erótica não aconteça na velocidade desejada por Karim, surge, nesse intervalo, uma rede de signos que instaura uma sensação de intimidade entre eles: ela percebe seus medos e o consola (p. 172), cozinha preparando pratos esmerados (p. 174), passa a noite com ele no sofá, compra flores e camisas e o acompanha ao barbeiro (p. 176). Em todas essas atividades aparentemente irrelevantes, firma-se uma base com significados restritos ao par. Inserido nesse horizonte de concretização de realidade, Karim encontra proteção e carinho, ao passo que também ele se apercebe das necessidades de Eleanor (p. 173). Num processo gradativo, surgem rituais liminares que os aproximam em suas concepções de intimidade, formando um espaço limitado de exclusividade.

Karim se sente orgulhoso por poder acompanhar Eleanor (p. 173) e, com o início de sua vida erótica, ele finalmente crê ter encontrado alguém que ele, de fato, ama e por quem é amado. Justamente em sua vida sexual, Karim experimenta a sensação de realização, acompanhada de um movimento de afirmação existencial que confere significado às coordenadas em que se encontra.

> Foi assim que ela começou a nossa vida sexual. E fiquei abismado com ela; nunca tivera tantos sentimentos físicos e emocionais antes. Queria contar a todos que um fogo intenso nas veias era possível constantemente, pois, com certeza, se soubessem disso, fariam amor o tempo inteiro. Que intoxicação! Durante os ensaios, quando a olhava, de saia comprida azul e branca, sentada na cadeira com o pé descalço no assento, arrumando as dobras do tecido entre as pernas – eu pedi a ela que não usasse calcinha -, minha boca se enchia de água de antecipação (1990, p. 187; 1992, p. 202).

Por meio de Eleanor, ele tem acesso a um mundo completamente novo de sua sexualidade - esta totalmente desconectada de sujidade ou proibição. Além desse encontro sexual intenso, Karim alcança por meio do espaço de intimidade e da proteção concedida por este, uma sensação de realização imbuída de sentido

que até então experimentara somente em sua profissão (p. 207). A primeira fase do relacionamento se caracteriza pelo poder que Eleanor possui de despertar em Karim o desejo de alcançar mais, criar com mais esmero e viver de forma mais intensa. Essa energia acaba sendo transformada em projetos de identidade: ele se dedica com afinco a seu trabalho, sua autoconfiança e sua autonomia crescem e os problemas de seus pais, que ocupavam grande parte de sua energia anímica, já não se encontram mais no primeiro plano.

Embora Susie Thomas (2005, p. 79) afirme que "se o amor de Karim por Charlie provém de seu sentimento de inferioridade racial, seu amor por Eleanor está atrelado à inveja de classe", Karim não transforma nem Charlie nem Eleanor num instrumento para alcançar seus objetivos. O que está no centro de sua atenção não é nem a raça nem a classe, mas a tentativa de construir um relacionamento íntimo, no qual surja um espaço mútuo de exclusividade e, com isso, uma base para a narração de sua identidade. Para Barry Langford (2000, p. 74), os relacionamentos íntimos de Karim com Charlie e Eleanor representam muito mais o desejo pela metrópole do que factualmente o anseio pelo outro: "posto de uma forma simples, o principal objeto do desejo de Karim são os significantes da identidade metropolitana que ele fantasia e deseja para si". Também essa afirmação pode ser mantida somente em parte, uma vez que Karim sofre muito quando Eleanor o abandona, e isso a despeito de ter encontrado seu caminho para a metrópole. Para sua construção de identidade, Eleanor não representa somente um instrumento por meio do qual pretende chegar a seu destino, nela ele divisa muito mais uma finalidade em si. Esta leitura, portanto, encontra mais afinidades com o que escreve Anne Fuchs (1997, p. 20), ao afirmar que "Karim, porém, também está interessado em 'amor' e nas conexões duvidosas entre sexo e amor".

Somente quando Pyke oferece sua mulher Marlene de presente a Karim, o que acaba numa orgia entre Pyke, Marlene, Karim e Eleanor, o relacionamento anteriormente estável começa a ruir. Enquanto Karim se sente desconfortável ao ser manipulado por Pyke desse modo (p. 192), Eleanor parece depreender prazer da situação. Karim anseia por exclusividade, Eleanor abre o relacionamento, de modo a não perder nem negar qualquer experiência que possa adentrar seu mundo (p. 198). Com isso, Karim se vê confrontado com um aspecto inesperado,

porquanto imaginava que também Eleanor divisava em seu relacionamento um espaço de desenvolvimento pessoal. Para ele, a expressão desse desejo, ou melhor, sua anuência, equivale a uma ruptura na geografia de seu espaço íntimo, pois se apercebe quão pouco conhece a pessoa com quem anseia conviver.

Enquanto Karim assume que finalmente encontrou uma alma gêmea com a qual lhe é possível construir um espaço único do amor, disposto a reconhecer e desejoso de receber reconhecimento, Eleanor se encontra num outro momento existencial, no qual esses valores têm um papel secundário. Com efeito, para ela não existe um espaço concreto de intimidade, mas dois mundos contíguos cuja aproximação tem por fito somente maximizar a libido. Ao descobrir que Eleanor tem um caso com Pyke, Karim exige uma satisfação que Eleanor está disposta a lhe fornecer, mas seguindo a lógica de sua visão de mundo: "Ela disse: 'Quero que fique comigo, Karim, e já fiz muito por você. Mas não aceito que as pessoas – que os homens – digam o que devo fazer. Se Pyke quer que eu fique com ele, preciso seguir meu desejo. Ele tem tanto a me ensinar. E, por favor, nunca mais me siga'" (1990, p. 226; 1992, p. 243).

Trata-se de dois conceitos de amor completamente divergentes. Karim deseja integrar Eleanor em seu mundo e, com isso, em sua narração de identidade, reconhecendo, portanto, também sua narração. Eleanor, por sua vez, está mais focada em sua independência, desejando o desejo do parceiro, sem necessariamente aceitar sua narração de identidade e de mundo, formando com isso um espaço paralelo e contingente, em que o parceiro é elidido. Tão logo Karim logra avaliar a situação de um modo mais realista, inicia-se um processo de alienação, em que o casal se distancia cada vez mais (p. 237). Nisso, Karim se vê confrontado com sentimentos contraditórios que não lhe permitem agir: "Nada fora dito, mas ela esfriara em relação a mim. Não fiquei alarmado; depois do ensaio gostava de ir para casa e ficar apavorado sozinho" (1990, p. 225; 1992, p. 241). Para Karim, o distanciamento não implica somente a perda de uma parceira para satisfazê-lo sexualmente, mas, sobretudo, um importante elemento de seu projeto de identidade.

Deprimido e desprovido do sentido existencial que atrelara ao relacionamento com Eleanor, Karim tem de dar conta do vazio que o acomete, sem

muito bem saber como lidar com essa nova situação: "eu escreveria uma carta digna para Elenor. Depois precisaria me desapaixonar por ela. Era a parte mais difícil. Tudo na vida se organiza em torno de ficar apaixonado por alguém. Apaixonar-se é fácil; mas ninguém ensina a gente a se desapaixonar. Eu não sabia por onde começar" (1990, p. 227; 1992, p. 244). Ele tenta conquistá-la novamente simulando indiferença (p. 233). Constata, porém, que já não significa mais nada para a parceira. Como consolo, Eleanor lhe pede que não fique amargurado (p. 238). Com essa frase termina definitivamente um projeto de identidade sumamente importante. Karim sai desse relacionamento com experiências que o transformam como pessoa. Seu autoconhecimento progride e se estende a complexidade de seu projeto de identidade.

Para resumir, Charlie não reconhece seu projeto de identidade; em seu relacionamento com Jamilia, o reconhecimento fica em segundo plano; com Eleanor, ele finalmente crê encontrar uma constelação em que o reconhecimento seja possível. Em sua narração de identidade, ela representa a primeira pessoa que não origina de seu contexto social, de modo que pela primeira vez ele está diante de uma pessoa, cujos signos não consegue ler imediatamente e, sobretudo, diante de alguém que o avalia com base em outros parâmetros daqueles instituídos por sua socialização cultural. Ademais, Eleanor provém da classe média, é muito culta, inglesa e branca. Concretamente isso significa – justamente por ele representar o oposto de todos os aspectos mencionados - que o processo de reconhecimento acaba sendo mais complexo, uma vez que os dois mundos culturais que se encontram divergem também no que concerne às expectativas e à importância da semiótica do espaço.

Ao final do recorte existencial apresentado pelo narrador, Karim não logra constituir um projeto de identidade íntima que o satisfaça e que lhe permita obter estabilidade anímica. Em grande parte, o fracasso está atrelado às expectativas incongruentes. Para Karim, o relacionamento implica um crescimento simbionte em que ambos os parceiros mantêm sua identidade individual, mas não sem incluir o outro em sua narração pessoal. Trata-se de um projeto que imagina um futuro comum, sem perder a validade dos signos negociados no presente diante das ameaças de contingência e indiferença. Karim, de fato, não obtém o precioso bem da intimidade, mas em sua jornada à procura desse espaço ele

aprendeu a ler diversos signos que até então desconhecia. Sua busca continua, sua inquietação permanece.

REFERÊNCIAS

CAREY, Cynthia. Hanif Kureishi's *The Buddha of Suburbia* as a Post-Colonial Novel. In: **Commonwealth Essays and Studies**, N° 4, 1997, p. 119-125.

FUCHS, Anne. The Go-Betweens: Enlightenment and the Construction of Self. In: GALLIX, François (Org.). **The Buddha of Suburbia. Hanif Kureishi**. Paris: Ellipses, 1997, p. 15-25.

GALVIN, Cathy. Hanif Kureishi: the pariah of suburbia. **The Telegraph**, London, 13/12/2012. Disponível em: http://www.telegraph.co.uk/culture/9722077/Hanif-Kureishi-the-pariah-of-suburbia.html. Acesso: 30/06/2013.

HOLMES, Frederick M. Comedy, the Carnivalesque, and the Depiction of English Society in Hanif Kureishi's *The Buddha of Suburbia* and Kingsley Amis's *Lucky Jim*. In: **English Studies in Canada: ESC**, N° 28(4), 2002, p. 645-666.

KEUPP, Heiner u.a.. **Identitätskonstruktionen: das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne**. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

KUREISHI, Hanif. **The Buddha of Suburbia.** London: Faber and Faber, 1990.

KUREISHI, Hanif. **O buda do subúrbio.** Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LANGFORD, Barry. Margins of the City. Towards a Dialectic of Suburban Desire. In: PHILLIPS, Richard, WATT, Diane, SHUTTLETON, David (Orgs.). **De-centring Sexualities: Politics and Representations beyond the Metropolis.** London/New York: Routledge, 2000, p. 64-80.

LUHMANN, Niklas. **Liebe als Passion: zur Codierung von Intimität**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.

STREISAND, Marianne. **Intimität: Begriffsgeschichte und Entdeckung der 'Inimität' auf dem Theater um 1900**. München: Wilhelm Fink Verlag, 2001.

SWAAN, Abram de: Die Inszenierung der Intimität. Wohnverhältnisse und Familienleben: In: BUCHHOLZ, Michael B. (Org.). **Intimität: über die Veränderung des Privaten**. Weinheim/Basel: Beltz, 1989, p. 41-57.

THOMAS, Susie. **Hanif Kureishi**. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2005.

Recebido em julho de 2013.
Aprovado em setembro de 2013.